

NOSSOS CREDORES, PREOCUPADOS.

Banqueiros franceses acham que nossa economia vai mal e caminha para a recessão

Na Europa, poucos são os banqueiros franceses que gostariam de estar na pele do novo presidente do Banco Central, Francisco Gros. Ontem, vários deles, ouvidos sobre a substituição de Fernão Bracher, não esconderam um crescente pessimismo em relação à rápida evolução da situação econômica no Brasil, convencidos de que não há outra saída para o País exceto uma forte recessão. Já se espera para muito breve — talvez essa seja uma das primeiras medidas do novo presidente —, a centralização do câmbio como ocorreu em 1983, o que acarretará atrasos de pagamentos comerciais no Exterior por falta de liquidez, tendo em vista a queda acentuada das reservas. No passado, ocorreram atrasos de até 90 dias, com os pagamentos sendo feitos posteriormente, quando a situação se normalizou, mas com juros de mora. Os exportadores de produtos europeus para o Brasil devem se preocupar e se preparar para essa eventualidade, informou ontem um banqueiro francês. A seu ver, não se pode também descartar, a curto prazo, a possibilidade de uma maxidesvalorização do cruzado.

Estabilidade

Essa visão pessimista não se deve apenas à substituição de um elemento do tripé econômico do governo — Bracher por Gros, um homem mais próximo da comunidade financeira norte-americana, apesar da sua origem francesa (Gros fala francês correntemente e quase sem sotaque). Isso poderá facilitar, daqui para frente, seu relacionamento com os banqueiros franceses que praticamente não o conhecem. O novo presidente do Banco Central não chega a ser também um homem conhecido da própria imprensa especializada francesa como já era o caso de Fernão Bracher. A substituição de um presidente de Banco Central é

sempre criticada na Europa. Isso porque, ao contrário do cargo de ministro de Economia, mais político, o cargo de presidente ou governador do Banco Central exige maior estabilidade. Na França, por exemplo, apesar da mudança do governo socialista pelo conservador de Jacques Chirac, o presidente do Banco Central, Michel Candessus, foi mantido. Só agora, eleito para a diretoria geral do Fundo Monetário Internacional, Candessus deixou a direção do Banco Central francês.

Repercussão

Ontem, entre os matutinos, apenas o jornal de língua inglesa editado em Paris, **Herald Tribune**, anunciou a substituição de Bracher, enquanto os jornais especializados em assuntos econômicos, **Tribune** e **Les Echos**, nada publicaram. O **Herald Tribune** lembrou que mesmo não havendo razão ofi-

cial para tal saída, ela era considerada iminente diante da dramática crise provocada pela espetacular elevação das taxas de juros internas. O jornal revela também, com bases em fontes diplomáticas, que a cada dia aumenta as pressões sobre os credores brasileiros para só admitirem a renegociação da dívida comercial caso o governo aceite recorrer ao Fundo Monetário Internacional, submetendo-se a seu drástico programa de ajustamento econômico. Entre os vespertinos, **Le Monde** foi o único jornal que destacou em sua última página a substituição de Fernão Bracher no Banco Central. O jornal cita seu desacordo com a posição do governo, notadamente com Dílson Funaro. Baseando-se em informações de economistas brasileiros, o jornal prevê também que a inflação no Brasil vai oscilar este mês entre 25 e 29 por cento. Segundo **Monde**, essa substituição é altamente preocupante para os credores brasileiros. Lembram que as

negociações sobre a dívida comercial deveriam ser reiniciadas nas próximas semanas, mas poderão ser retardadas para permitir a entrometimento do novo presidente, figura pouco conhecida dos meios bancários internacionais, mesmo tendo trabalhado durante quase 20 anos em bancos privados (grupo Unibanco), antes de assumir uma das diretorias do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

Finalmente, do ponto de vista político, os meios financeiros europeus consideram que a ida de Francisco Gros representa o fortalecimento do ministro Dílson Funaro no comando da política econômica do País, o que chega a constituir certa surpresa, pois estavam convencidos pelos relatórios recebidos de seus representantes no Brasil que a posição do ministro da Fazenda nos últimos tempos era de extrema fragilidade.

Nos EUA, já se prevê que o acordo vai atrasar.

A renúncia de Fernão Bracher foi encuada com cautela pelos banqueiros de Nova York, que disseram não ter ainda uma idéia clara sobre a influência da demissão do presidente do Banco Central do Brasil nas negociações da dívida externa, facilitando-as ou dificultando-as. Mas alguns afirmaram que seria improvável agora que o Brasil consiga uma reestruturação plurianual e que o País só poderia esperar um acordo por apenas um ano.

Uma fonte bancária comentou que o sucessor de Bracher, Francisco Roberto Gros, não é muito conhecido nos círculos financeiros, de modo que não se sabe que impacto terá a sua nomeação nas negociações sobre a dívida brasileira.

Uma fonte lembrou que o reinício das negociações tinha sido antecipado para fins de fevereiro, mas que não se havia fixado uma data exata. A renúncia de Bracher provavelmente atrasaria o recomeço das reuniões com o comitê que representa os bancos credores, previu a mesma fonte. Mas um banqueiro comentou que uma demora não seria inteiramente indesejável, dando tempo ao Brasil para enfrentar seus problemas

econômicos com uma política mais coerente. O mesmo banqueiro acrescentou que, segundo informações procedentes do Brasil, Bracher estaria disposto a promover um programa antiinflacionário mais forte, de maneira que sua demissão pode ser vista como um fator negativo, já que a inflação é o problema número um do Brasil.

Outro banqueiro, contudo, disse que a saída de Bracher poderia significar a formação de uma equipe econômica brasileira mais unida e, se isso for verdade, o resultado seria uma política mais coerente e a realização, com mais rapidez, das mudanças que estão por ser feitas.

Já o diário financeiro **Wall Street Journal** comentou ontem que as discordâncias entre Bracher e o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, eram irreconciliáveis e que a saída de Bracher consolida a posição de Funaro, cuja possível renúncia era propalada por insistentes boatos.

"Parece provável, no entanto, que a saída de Bracher criará um vazio a um tempo em que o Brasil se encontra no meio de uma crise econômica e está envolvido em discussões cruciais sobre o reescalonamento de

sua dívida externa de US\$ 108 bilhões", escreve o jornal.

Bracher, que iniciou as negociações com os bancos em Nova York no mês passado, "é a primeira vítima do desmoronamento do Plano Cruzado contra a inflação", diz ainda o jornal. E acrescenta: "um plano de austeridade imposto pelo Fundo Monetário seria inaceitável para Funaro, enquanto Bracher tinha uma posição menos rígida a respeito, de modo que, aparentemente, será imposta agora a posição mais intransigente de Funaro".

"Caberá agora a Funaro", afirma o artigo do **Wall Street Journal**, "superar a recessão econômica brasileira", que inclui um recrudescimento da inflação e a queda do superávit da balança comercial.

Quanto às negociações com os bancos, a renúncia de Bracher "provavelmente tornará mais lenta a marcha das negociações, quando Gros iniciar o seu trabalho. Com a política brasileira em semelhante confusão, muitos banqueiros consideram improvável agora que se consiga uma reestruturação por vários anos, e que o melhor que se pode esperar é um acordo que de um só ano".

Jornais ingleses discutem nosso próximo passo

A comunidade financeira britânica tomou conhecimento da renúncia de Fernão Bracher através do **Financial Times**, que deu a notícia com destaque na primeira página, mas seus porta-vozes não quiseram tecer comentários sobre os acontecimentos em Brasília. Alegaram, todos eles, que ainda não haviam recebido comunicado oficial do governo brasileiro sobre as mudanças.

O título da matéria do **Financial Times** deixa claro que a queda de Bracher deveu-se às suas divergências com o ministro Dílson Funaro. E logo na abertura o correspondente do jornal londrino no Rio de Janeiro informa que a discordância entre os dois não se limita a questões de economia interna, pois também abrange a melhor maneira de negociar a dívida externa do Brasil.

Depois de citar a questão dos juros internos como causa principal do choque de opiniões e do afastamento de Bracher, o **Financial Times** comenta que a mudança na direção do Banco Central pode provocar atraso nas negociações do Brasil com os

bancos internacionais, para o reescalonamento de débitos no valor de US\$ 70 bilhões.

Funcionários dos bancos britânicos envolvidos com a dívida brasileira, indagados sobre as possíveis conseqüências da troca de mando no Banco Central, elogiaram Fernão Bracher, alguns lamentaram sua saída, mas fizeram questão de dizer que sua substituição é um assunto interno do Brasil e que, além disso, não conheciam o seu sucessor o suficiente para tecer comentários a respeito do que pode ou não acontecer. No **Financial Times**, o nome de Francisco Gros foi citado apenas como forte candidato ao posto, já que a notícia de sua confirmação chegou a Londres tarde demais para ser incluída nas edições de ontem.

O jornal inglês, de leitura obrigatória na **City** de Londres, publicou outro artigo, na quarta página, dizendo que há um temor crescente, no Brasil, de que a recessão volte este ano. Os indícios sérios de problemas seriam o ressurgimento do desemprego em

São Paulo e a queda nas vendas por atacado. A questão do aumento da inflação também é mencionada, da mesma forma que o crescimento dos depósitos nas cadernetas de poupança, a queda nas Bolsas do Rio e de São Paulo, a evasão do capital estrangeiro e a possibilidade de uma reação dos sindicatos se os trabalhadores começarem a perder os ganhos reais que obtiveram em seus salários durante a vigência do Plano Cruzado.

O artigo do **Financial Times**, sobre o receio de uma nova recessão, termina dizendo que, para tornar a situação ainda mais incerta e confusa, está confirmado que o presidente José Sarney vai mesmo promover uma reforma no gabinete em meados do mês que vem.

Mais adiante, na página onze, o jornal inglês informa que os lucros da Petrobrás no ano passado, de US\$ 1,9 milhão, foram mais de 50% superiores aos do ano anterior.

José Carlos Santana, de Londres.